

O DISCURSO BIVOCAL NO SORRISO E NO VOCATIVO DE GETÚLIO VARGAS NO CONTO “TRABALHADORES DO BRASIL” SOB ANÁLISE DIALÓGICA DO POLÍTICO-SOCIAL AO GROTESCO

EL DISCURSO BIVOCAL EN LA SONRISA Y EL VOCATIVO DE GETÚLIO VARGAS EN EL CUENTO "TRABAJADORES DEL BRASIL" BAJO ANÁLISIS DIALÓGICO DEL POLÍTICO-SOCIAL AL GROTESCO

Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro¹

Sandra Espíndola Macena²

RESUMO: A foto sorridente caricaturada do presidente Getúlio Vargas acrescida do vocativo são analisados discursivamente, no conto: “Trabalhadores do Brasil”, de Wander Piroli (2016), sob o prisma de Mikhail Bakhtin (1987, 2003, 2004, 2010, 2013, 2016) e dos estudos bakhtinianos de Bezerra (2005); Castro (1997); Cereja (2005); Fiorin (2011) e nas contribuições de Orlandi (2011). Pelo dialogismo, pretende-se explorar os processos de sentido subjacentes no conto e a revelar pelo enunciado, através deste chamamento que iniciava seus discursos “trabalhadores do Brasil” e os sorrisos marcados pelo poder político, quais os sentidos estão por trás deste discurso velado e polêmico que emerge com características bivocais da figura presidencial, à época, para realidade paralela de miséria dos personagens Zé e Maria, analisados no texto, centralmente. Transcurso situado na narrativa que parte dos conceitos de Tema e Significação, nos processos de Interação Verbal, Discurso Bivocal, em sua Unidade de Significação com contribuições pontuais biográficas do Presidente, a partir de Boris Fausto (2006), observando a dubiedade inscrita no discurso da narrativa e a compreendendo em seu elemento sócio-histórico pelo texto literário. Ao final, percebe-se nos entremeios o discurso do contexto sócio-político e cultural da época, desvelando o sentido implícito por trás desse sorriso irônico associado ao vocativo, constituído por traços bivocais, resultado dessa ligação interacional dialógica.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; análise do discurso; texto; língua; conto “Trabalhadores do Brasil”.

RESUMEN: La foto caricaturesca y sonriente del presidente Getúlio Vargas más el vocativo son analizados discursivamente, en el cuento: "Trabajadores de Brasil", de Wander Piroli (2016), bajo el prisma de Mikhail Bakhtin (1987, 2003, 2004, 2010, 2013, 2016) y en los estudios bakhtinianos de Bezerra (2005); Castro (1997); Cereja (2005); Fiorin (2011) y con aportación en Orlandi (2011). Por el dialogismo, involucrase explorar los procesos de significación subyacentes

¹ Mestrando e bolsista (PIBAP) pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras PPGLetras/ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, unidade de Campo Grande-MS, Brasil.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Docente do Curso de Letras Hab. Português-Espanhol e do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, unidade de Dourados-MS, Brasil.

en cuento y revelar por el enunciado, en este llamado que iniciaba sus discursos "los *trabajadores de Brasil*" y en las sonrisas marcadas por el poder político, qué significados hay por detrás de este discurso velado y polémico que emerge con características bivocales de la figura presidencial, a la época, para una la realidad paralela de miseria de los personajes Zé y Maria, analizados en el texto, centralmente. Transcurso ubicado en la narrativa que empieza por los conceptos de Tema y Sentido, en los procesos de Interacción Verbal, Discurso Bivocal, en su Unidad de Significación con aportes puntuales biográficos del Presidente, en Boris Fausto (2006), observando el carácter dubio suscrito en el discurso narrativo y entendiéndolo en su elemento socio-histórico por el texto literario. Al final, se percibe entre el discurso del contexto sociopolítico y cultural de la época, desvelándolo el significado implícito por detrás de esta sonrisa irónica asociada al vocativo, hecho por rasgos bivocales, resuelta de esta conexión interaccional dialógica.

Palabras-clave: Mikhail Bakhtin; análisis del discurso; texto; lenguaje; cuento "Trabajadores de Brasil".

1 Introdução

Este trabalho se propõe a refletir o discurso no conto "Trabalhadores do Brasil" de Wander Piroli (2016), a partir do conceito de bivocalidade, a fim de compreender os processos discursivos, retratados na figura heroica de Getúlio Vargas para História do Brasil. Para a construção da narrativa, o narrador mobiliza dois personagens representativos da cultura brasileira, Zé e Maria, pelos quais o processo do dialogismo e do discurso bivocal se materializam. Nas diferentes vozes sociais emergem não apenas implicitamente nos diálogos entre os personagens, mas também no espaço físico/social no qual estão ambientados. O vocativo utilizado na abertura dos discursos de Vargas associado ao desenho do falecido presidente sorrindo, obra do caricaturista Zé, caricaturas que ele vende em sua banca, oportuniza a percepção de vozes sociais, econômicas e políticas subjacentes, implícitas gerando vários discursos possíveis. Emergem do conto, sentidos de um momento vivido, com manifestações sociopolíticas e culturais, materializados pela língua reverberando muito das situações atuais, como a fome e a miséria.

Permeado pelas relações de poder o autor mobiliza discursos por meio de seus personagens acerca de um sentido aparente, no entanto, implicitamente há outro(s) sentido(s) que polemiza(m) e encobre(m) a ironia, construída pelo leitor na mobilização de outras informações e conhecimentos já apreendidos no decorrer do tempo. Simultaneamente, o texto desconstrói as estruturas de poder pelas muitas e diferenciadas leituras que foram sendo construídas acerca da história de Vargas, de sua postura, de sua vida política. Como forma de evidenciar os processos de sentidos nesse enfoque, reúne-se a partir de Mikhail Bakhtin (1987, 2003, 2004, 2010, 2013, 2016), um percurso teórico-analítico que tem como ponto de partida os conceitos de "tema" e na "significação" deste discurso na "interação verbal"³, percorrendo o

³ Para Bakhtin (2004), nos capítulos: Tema e Significação e Interação Verbal, coloca a premissa que o sentido da enunciação é seu tema, forjado nas formas linguísticas conjuntamente dos elementos não-verbais da situação que compõem os processos de sentido. O tema é o gerador da significação, essa é o aparato técnico para realização no e do tema na enunciação dotado de significação, na análise compreende a composição e o ponto de partida junto destes e nos elementos linguísticos, estéticos e etc. A significação possui uma multiplicidade de sentido no interior

“enunciado” vivo no conto, marcado pelo “discurso bivocal” que polemiza e se vela na voz do narrador na dimensão do “sorriso”. Para reconhecer “a historicidade” presente no contexto de miséria e pobreza destes personagens, entre uma realidade oficial e outra paralela, acrescenta-se a contribuição do professor Boris Fausto (2016), responsável pela bibliografia de Getúlio Vargas, com informações pertinentes que amparam a compreensão da figura icônica e dúbia deste personagem da política brasileira.

O trabalho ainda conta com contribuições nos estudos bakhtinianos de Bezerra (2005), Fiorin (2011), Castro (1997) e Cereja (2005), entre outros para sustentação e robustez da discussão que dialoga com o momento sócio-político atual. O conceito de “entremeio” que sustenta o conceito de “unidade de significação” de Orlandi (2011), soma-se com colaboração teórica do trabalho.

A linguagem de denúncia presente no discurso cotidiano na vida dos personagens encontra-se, no campo verbal, em disputa de uma realidade à brasileira, traz o discurso oficial e o que se faz sentir de fato na realidade por aqueles que vivem à margem da sociedade. O percurso discursivo tomado traz o discurso enquanto objeto de complexidade, pelo qual almeja-se alcançar as muitas questões manifestadas na narrativa, e compreender os processos que as inscrevem na conjuntura com os elementos gramaticais e seu funcionamento. Alguns destes, fundamentais para que possam ser apreendidos ativamente junto ao texto pelo enunciado, como o discurso do vocativo “Trabalhadores do Brasil”, pois à medida que se estabelece um exercício de análise em determinadas circunstâncias, aliado à reflexão crítica e teórica, se poderá desvelar o momento sócio histórico e o quadro cultural da época e não somente interpretá-lo.

Valendo-se assim dos papéis do narrador e dos personagens, consubstanciados nos conceitos de tema e de significação e do discurso bivocal pelo caráter cômico encoberto, constrói-se a compreensão de que há uma polêmica velada, presentes na figura do presidente Vargas, materializado pela sua orientação narrativa. Isso é percebido a partir da voz dada aos personagens. A partir de um recorte próprio, mobilizam-se relações de várias ordens, evidenciando questões sociodiscursivas de uma particularidade da história brasileira que colaborou para formação de características peculiares da nacionalidade sendo exploradas nos aspectos dialógicos e bivocais do conto, na contradição que se oferece dessa figura mítica, presente no imaginário popular, segundo Fausto (2016).

O discurso no conto congrega um amálgama de significados de grande complexidade e disputa de valores, que vão se delineando na fala simplória dos personagens “Zé e Maria”, revelando-se aspectos para além do discurso direto, ampliando-se num diálogo vivo em torno de temas culturais. Esses presentes e identificados pelo caráter bivocal que provoca a cisão, entre o que se diz e as outras possibilidades de significação como caráter constituinte da linguagem pelo riso, segundo Bakhtin (1987), portanto, entre os mundos da cultura oficial e não-oficial presentes nos discursos em François Rebelais, acerca do sorriso e sua dimensão para o discurso e do narrador que toma na complexidade de um discurso bivocal a ser apreendido.

A análise se apresenta ao leitor a partir da materialidade linguística presente no texto, apreensível nos aspectos linguístico-discursivos utilizados pelo narrador que serão examinados

de um tema concreto, dado por uma potência de o revestir pelos elementos linguístico-gramaticais, numa compreensão de língua e a significação para réplicas dado no dialogismo do discurso do outro. Importa enxergar os sentidos capturados pelas enunciações do conto, nos pontos de acentos apreciativos/valorativos e o deslocamento sucessivos de sentidos, estabelece-se assim o enfoque para o contexto em questão. Com isso, a interação verbal é a substância da língua na comunicação verbal, no sentido que aponta e remete aos sentidos dados e outros nesse processo que se movimenta dialogicamente e a ser explorado na natureza da língua por meio de seus enunciados (BAKHTIN, 2004).

dentro de uma proposta bakhtiniana, ativa e responsiva possível pelo texto literário. Nessa perspectiva pode-se apreendê-la em sua extensão enquanto unidade discursiva, enunciativa e textual partindo dos sentidos que dispõe. Revelar o espaço discursivo e interativo presentes no texto pelos aspectos dialógicos do discurso concretizados nos personagens, contíguo ao recorte teórico selecionado aprofunda a compreensão do leitor, auxiliado pelo esquadrinhamento dos elementos gramaticais e discursivos que se oferecem na estrutura superficial para indiciar a interface historiográfica e carnavalesca para entendimento literário e social do texto.

Tendo os principais conceitos e abordagem definidos previamente, se busca refletir ao fim dessa análise, acerca dos sentidos construídos a partir do sorriso do presidente na fotografia e do emprego do vocativo materializado pelos personagens. O sentido desses dois elementos no texto se amplia para além do conto e vai ao encontro de outras realidades semelhantes destes trabalhadores que podem se identificar universalmente e espaço-temporalmente pelo mundo, criando os sentidos possíveis além da oficialidade pretendida para eles. Ao final, percebe-se o quanto o vocativo “Trabalhadores do Brasil” e o *sorriso do presidente-morto*, formam um todo, apontados pelo narrador como forma de explorar o caráter do conto nos processos de sentido enunciado. A descaracterização do personagem histórico e a inserção das vozes sociais nos sujeitos Zé e Maria, para além de uma posição de subalternidade, torna o herói em anti-herói e eleva o operário à voz de denúncia para aquele momento histórico consubstanciando na linguagem a denúncia da precariedade do trabalho informal. O dialogismo da narrativa desnuda a formação das características sócio-política e cultural da constituição do sujeito que representa a população brasileira e latino-americana.

2 Os processos de construção de sentido do político ao grotesco no conto de Wander Piroli

A princípio serão examinados aspectos linguístico-discursivos utilizados no conto, para compreendê-los, alçado pelo texto literário, se explorará o espaço discursivo e interativo ali presentes. O conto “Trabalhadores do Brasil” de Wander Piroli⁴, escritor mineiro, nascido num bairro operário de Belo Horizonte, escrito em 1959, retrata um momento histórico único da política social e econômica brasileira. A seguir, insere-se a transcrição do conto para leitura prévia do que será analisado subsequentemente, mediante os conceitos estabelecidos por Mikhail Bakhtin e Círculo, nas concepções em torno da *interação/diálogo* que envolve o campo dos discursos, assim visa-se descrever como esse processo se reflete na língua/linguagem no caráter *oficial/popular* a serem explorados na narrativa.

Com aporte teórico em Fiorin (2011); Orlandi (2011); Castro (1997); e numa tentativa de estabelecer uma interface junto ao campo historiográfico, o biógrafo de Getúlio Vargas, Boris Fausto (2006), trará informações complementares e essenciais para análise com questões pontuais de reflexão no conto.

A seguir, a transcrição do conto de maneira numerada com a análise.

- 1) Trabalhadores do Brasil
- 2) Como uma ilha entre as pessoas que se comprimiam no abrigo de bonde, o homem mantinha-se
- 3) concentrado no seu serviço. Era especialista em colorir retrato e fazia caricatura em cinco minutos. No

⁴ Para saber mais do autor. Acervo de Escritores Mineiros: A Biblioteca de Wander Piroli. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/521708.pdf>>. Acesso em: 20/07/2020.

- 4) momento ele retocava uma foto de Getúlio Vargas, que mostrava um dos melhores sorrisos do presidente
- 5) morto.
- 6) O homem estava sentado num tamborete rústico, com os joelhos cruzados e a cabeça baixa. À
- 7) sua direita havia uma mesinha de desarmar, entulhada de lápis de vários tipos e cores, folhas de papel
- 8) em branco, borrachas, tesouras e um pouco de estopa. Havia ainda uma tabuleta em cima de pequena
- 9) mesa, apoiando-se na pilastra onde estavam expostos seus trabalhos: fotografias coloridas de grandes
- 10) personalidades e caricaturas também de grandes personalidades.
- 11) Nem sequer a chegada do bonde fez o homem levantar a cabeça. Trabalhava variando de lápis
- 12) calmamente, como se não tivesse nenhuma pressa ou mesmo não desejasse terminar o serviço. Getúlio 13) na
- foto continuava sorrindo para o homem com um de seus melhores sorrisos.
- 14) Uma mulher esturrada, de alpargata e vestido muito largo, aproximou-se e parou à sua frente. O homem 15)
- levantou a cabeça:
- 16) - Você, Maria.
- 17) Ela moveu o rosto com dificuldade e fez o possível para sorrir, fixando atenta e profundamente a cara 18) do
- homem.
- 19) - Aconteceu alguma coisa?
- 20) - Não - murmurou a mulher.
- 21) O homem pôs a fotografia e o lápis na mesa e esperou que a mulher falasse. Olhavam-se como
- 22) duas pessoas de intensa convivência.
- 23) - Não houve mesmo nada? - tornou o homem.
- 24) - Claro que não, Zé. Eu vim à toa.
- 25) - E os meninos?
- 26) - Mamãe está lá com eles.
- 27) - Como é que você arranjou para vir até aqui?
- 28) - Uai, eu vim.
- 29) - A pé? Você não devia ter vindo, Maria. Estou achando que houve alguma coisa.
- 30) - Não teve nada, não. Mamãe chegou lá em casa e então eu aproveitei para dar um pulo até aqui.
- 31) - Ah - o homem sorriu. E uma onda de carinho, quase imperceptível, assomou-lhe o rosto lento
- 32) e sofrido.
- 33) - Fez alguma coisa hoje, Zé?
- 34) - Fiz um - respondeu levantando-se. - Senta aqui. Você deve estar cansada.
- 35) A mulher sentou no tamborete, desajeitada.
- 36) - Você não devia ter vindo, Maria - disse o homem.
- 37) - Eu sei, mas me deu vontade. Mamãe ficou lá com os meninos.
- 38) - Mas ela não estava doente?
- 39) - Você sabe como mamãe é.
- 40) - E o Tonhinho?
- 41) - Está lá.
- 42) - O carnegão saiu?
- 43) A mulher fez sim com a cabeça e em seguida olhou para o abrigo, onde havia pequenas lojas de
- 44) frutas, café, pastelaria.

- 45) – Espera um pouquinho aí – disse o homem, e caminhou na direção de uma das lojas.
- 46) A mulher permaneceu sentada no tamborete, observou por um momento o vendedor de agulhas,
- 47) que continuava gritando, depois deteve a vista na foto de Getúlio Vargas sorrindo para os trabalhadores 48) do Brasil. O homem reapareceu com um saquinho manchado de gordura.
- 49) – Esses pastéis.
- 50) – Oh, Zé, para que você fez isso?
- 51) – Vamos, come um.
- 52) – Você não devia ter comprado.
- 53) – Vamos.
- 54) A mulher retirou um pastelzinho do saco e começou a mastigá-lo com muito prazer.
- 55) – Come o outro, Zé.
- 56) – Já comi uns dois hoje. Esse outro também é seu.
- 57) – Então eu vou levar ele pros meninos.
- 58) – É pior, Maria.
- 59) O homem ficou de pé, ao lado da mulher, observando-a comer o segundo pastel. A mulher acabou de 60) comer, limpou a boca na manga do vestido e fez menção de levantar-se.
- 61) – Fica aqui, Zé. Pode aparecer alguém.
- 62) – Não, eu passei a manhã toda assentado.
- 63) A mulher sentada e o homem em pé conservaram-se silenciosos durante um breve e ao mesmo
- 64) tempo longo momento, ora olhando um para o outro, ora cada um olhando as pessoas agora espalhadas
- 65) no abrigo ou não olhando coisa nenhuma. A mulher se ergueu:
- 66) – Acho que eu vou andando.
- 67) – Já vai?
- 68) – Mamãe não aguenta eles, você sabe.
- 69) – Ah, é mesmo. Você não devia ter vindo.
- 70) O homem tirou uma nota do bolso de dentro do paletó e estendeu-a para a mulher.
- 71) – Volta de bonde.
- 72) – Não, Zé.
- 73) – É muito longe, criatura.
- 74) – Não.
- 75) – Ora, minha nega.
- 76) A mulher pegou o dinheiro com a mão indecisa.
- 77) – Vou ver se levo.
- 78) O homem assentiu com a cabeça, abriu a boca mas não disse nada. A mulher desviou o rosto e
- 79) piscou os olhos várias vezes.
- 80) – Não chega tarde não, viu, Zé.
- 81) – Chego não.
- 82) – Você vai fazer.
- 83) – Hoje eu sei que vai melhorar.
- 84) – Vai sim, Zé. Eu sei que vai. Eu sei.

- 85) A mulher afastou-se rapidamente, sem voltar o rosto. O homem empinou-se um pouco para vê-la
86) atravessar a rua. Depois sentou no tamborete e pegou um lápis e o retrato.
87) Durante muito tempo o homem permaneceu com a cabeça baixa, imóvel dentro de sua ilha,
88) curvado sobre a foto que mostrava o presidente morto com aquele sorriso de seus melhores dias.

Nas primeiras linhas do conto - *o espaço* - em que a narrativa ganha vida: *Como uma ilha entre as pessoas que se comprimiam no abrigo de bonde, o homem mantinha-se concentrado no seu serviço. Era especialista em colorir retrato e fazia caricatura em cinco minutos* (linhas 2 e 5). O antigo abrigo de bonde, traz um tempo num lugar das oficinas reparadoras dos transportes de bondes, em meados do século XX, forma barata para se locomover. Neste momento, os trabalhadores se movimentavam na economia informal - semelhantes aos “camelódromos” atuais, eram pais de família que utilizavam esse espaço para desenvolver atividades que não necessitavam escolarização formal ou investimentos de maior monta.

O protagonista do conto é introduzido como “o homem mantinha-se concentrado no seu serviço” - “o homem” é denominado Zé - redução de José, típico da cultura judaico-cristã e faz remissão imediata ao povo brasileiro - sobretudo para classes sociais mais baixas e que é representado no conto, no sentido da busca do sustento dos seus a partir de seu talento: *colorir retrato e fazer caricatura em cinco minutos*. O conto pode ser contextualizado poucos anos após a morte do Presidente Getúlio Vargas em 1954, defensor da bandeira do trabalho formal e de sua valorização via implementação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), corroborado por seu conhecido vocativo: “Trabalhadores do Brasil”, presente no título e ao longo da narrativa, inseridos num momento sócio-histórico único da história brasileira, evento que a historicidade transmite a partir de Fausto (2006, p. 127), quando: “o presidente pretendia anunciar medidas em favor do operariado: o discurso de Getúlio, que se iniciava com ‘Trabalhadores do Brasil’, era irradiado pelo rádio para todo o país, sob grande expectativa” (FAUSTO, 2006, p. 127).

É possível partir dessa leitura, lançando compreensão analítica que correlacione o espaço de exercício da *atividade informal* do protagonista do conto com o de sua profissão e sua condição social, logo a literatura toma os sentidos dentro de outra dimensão da linguagem e traz marcas importantes a serem demarcadas nesse simulacro.

A personagem é um dado essencial da relação entre o estético e o real, é um produto de seu criador com a realidade, tem antecedentes concretos e objetivos nessa realidade e é por ela alimentada, por isso não pode ser inteiramente criada ‘a partir de elementos puramente estéticos’, pois, se assim fosse, não seria viva, não iríamos sentir sua significação estética (BEZERRA, 2005, p. 199).

Levando-se em conta o processo verbal de tema e significação e a interação em Bakhtin (2004), pode-se afirmar que qualquer ato comunicativo ocorre a partir de uma compreensão ativa e nunca passiva. Para ele, o tema é o responsável por trazer o verbal e o não-verbal do enunciado, o significado compenetra junto da situação histórica e a torna única e real (irrepetível), para além de sua convenção dicionarizada. Desse modo, o sentido dá-se à enunciação completando-a, inserindo, ainda, um *continuum* dos enunciados em relação ao tema ou aos textos (dialogismo). Assim, para Bakhtin (2003), o enunciado seria da ordem do sentido, e o texto, do domínio da manifestação desse enunciado sob a forma de discursos.

Dito isso, percebe-se que esse personagem representa o estado social ali presente, para além de si, carrega marcas de um sujeito recolhido à condição de trabalhador informal e que não goza dos plenos direitos que outrora lhe foram outorgados pelo Estado brasileiro como cidadão.

Para Bakhtin (2003, 2010, 2013), a leitura que se faz do conto, neste exato momento, sendo carregado de elementos dialógicos e nos fios ideológicos, conferem uma totalidade enquanto obra única e ao mesmo tempo inacabada, pois expressa-se sua singularidade em um processo interativo *continuum* no dialogismo. Logo, a compreensão dessa análise não se esgota simplesmente e pode mudar complementemente a depender da finalidade que estabelece o analista. É papel da interação fazer o interlocutor escolher diversas palavras para representar o que lê, o narrador manipular o que presencia e o analista tentar desvelar como ocorre essa manipulação na língua/linguagem.

A escolha lexical, das formas composicionais e do estilo configuram determinado enunciado, desaguando na noção de gênero do autor que dá forma e estabilidade ao enunciado (BAKHTIN, 2003, 2016). Nessa concepção, a organização lexical e sintática - *era especialista, concentrado, rápido em colorir seus retratos* - fazem se compreender na totalidade do enunciado, ou seja, quando contextualizados levam o leitor, pelo repertório linguístico que possui à concepções possíveis de sentidos. Cada enunciação está impregnada de possibilidades e de “*resposta*”, antecipadora e compreensiva e assim inserem-se outros sentidos sucessivamente e o tema captado pelo momento inerente ao enunciado, a ser apreendido que está imbricado na linguagem, “*por meio do suporte técnico da significação*”, traz os elementos dialógicos que se fazem na palavra junto do interlocutor, como uma ponta de lança nesse espaço e tempo discursivos junto do texto-enunciado daquele instante (BAKHTIN, 2004).

Os processos da interação verbal, em torno do tema e da significação, norteiam o início dessa análise com o intuito de apontar que a enunciação alcança seu objetivo na interação entre texto e leitor, mediado pelo ambiente sociocultural em que se manifesta, para alcançar os efeitos de sentido provocados pela relação dialógica. Parte-se primeiramente da análise do enunciado, portanto, revelando questões trazidas de forma implícita no discurso que carrega singularidades pelas marcas linguísticas deixadas no enunciado em aspectos de sua composição sintática, morfológica, lexical e principalmente pragmática dado no texto do conto.

Inicialmente percebe-se que é um conto de caráter social, já que denuncia uma realidade brasileira no final dos anos 50 e início dos 60. Importante ressaltar que o discurso de outrem se manifesta justamente sobre as tendências sociais estáveis e características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifesta nas formas da língua. O mecanismo desse processo não se localiza na alma, mas na sociedade, acolhe e gramaticaliza, ou seja, associa às estruturas gramaticais da língua (BAKHTIN, 2004, p. 152). A escolha e a organização dos elementos linguísticos dão respaldo para que o tema por meio da significação, seja apreendido na superfície textual, para que se efetivamente construam-se significados possíveis a partir dos interlocutores nesse ato comunicativo ou no espaço interativo em que eles se encontram. Por meio da comunicação verbal dos personagens, o leitor adquire os elementos informacionais passíveis de apreensão de uma realidade de possibilidades, para Bakhtin (2004), num fenômeno possivelmente sociológico, uma vez que existe um horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a qual se pertence.

Orlandi (2011), assume que qualquer texto age ou se torna uma *unidade complexa de significação*, quando:

[...] consideradas suas condições de realização – e procurando caracterizá-lo em termo de processo de interação, podemos observar que o texto não é uma unidade completa, pois sua natureza é *intervalar*. Sua unidade não se faz pela soma de interlocutores nem pela soma de frases. **O sentido do texto** não está em nenhum dos interlocutores especificamente, **está no espaço discursivo dos interlocutores**; também não está em um ou outro segmento isolado em que se pode dividir o texto, mas sim **na unidade a partir da qual eles se organizam**. Daí haver uma característica *indefinível* no texto que só pode ser apreendida se **levamos em conta sua totalidade, sua unidade**. (p. 180). (grifos nossos).

As formas gramaticais, nessa linha de raciocínio, carregam unidades junto dos signos linguísticos que permitem construir sentidos possíveis, não externas, ou concebidas de maneira isolada e sim dentro da interação - unidade que se dá entre discurso, enunciado e texto. Sua unidade não é indivisível e muito menos se alcança o sentido abstraído dessa relação do concreto e do real, mas é no seu *tema* que se alcança a *significação*, ou seja, tomando o momento histórico e as características que o configuram, pode-se alcançar ou atribuir os sentidos possíveis dados pelo narrador sob a ótica de seus personagens. Considerando o distanciamento temporal desta análise, o momento vivido pelo autor/narrador se preenche junto aos sentidos em torno das realidades reais/fictícias construídos em seu imaginário de acordo com os fatos em determinada época.

Também Fiorin (2011), assume esse pressuposto interacional ao afirmar que todos os enunciados são dialógicos e que o sentido se estabelece sob a forma de dois enunciados, pois a realidade da língua seria a justaposição desses enunciados em diálogo. Vê-se, portanto, que o enunciado do narrador em determinados momentos não é mostrado e ouve-se ao menos duas vozes, nessa polêmica velada que incide sobre o sorriso do presidente. Revelando-se uma característica de bivocalidade: *No momento ele retocava uma foto de Getúlio Vargas, que mostrava um dos melhores sorrisos do presidente morto. Getúlio na foto continuava sorrindo para o homem com um de seus melhores sorrisos* (linhas 3 a 5).

Há nesse discurso duas questões, uma é a indicação de espaço do personagem, outra é o emprego do verbo retocar, que vai além do sentido de fazer mais uma vez, na verdade, relativiza a questão da foto ao apresentar o estado em que ela estava de sorriso/morto do presidente. O sorriso - representação de estado de alegria, felicidade - contrasta com a tristeza e a frustração de Zé, naquele dia ter vendido apenas um produto do seu trabalho (linhas 34).

Apesar da predominância do discurso direto no conto, pode-se observar que quando o narrador incorpora o vocativo “Trabalhadores do Brasil”, ele o faz segundo suas marcas *entoativas*, segundo Bakhtin (2013), desse modo demarca e incorpora dentre os elementos da narrativa, diversos processo dado pelos sentidos. Até nesse ponto, o faz indiretamente, porque para Bakhtin (2004), o discurso direto subsiste no discurso indireto e isso ocorre quando transfere para os seus personagens dizeres, que se pretende serem particularizados como em “Gente Pobre” de Dostoiévsky, no qual praticamente o discurso direto do texto está marcado no herói. No caso do conto analisado neste espaço, a desconstrução ocorre por meio da ironia. O discurso indireto pode quebrar a inércia do direto, quando o narrador provoca, pelo vocativo do presidente associado à caricatura de seu sorriso, uma cena dramática vivida pelos trabalhadores brasileiros (BAKHTIN, 2004).

Entre as linhas 46 e 48 - *depois deteve a vista na foto de Getúlio Vargas sorrindo para os trabalhadores do Brasil*, surge uma situação dúbia: quem detém a vista? A mulher “Maria” ou o narrador. O emprego ambíguo do sorriso cria uma ambivalência com a linha seguinte (linhas

48 a 50): *O homem reapareceu com um saquinho manchado de gordura*, numa clara referência a questão social, ou seja, à precariedade do trabalho informal pelo qual o trabalhador consegue apenas comprar dois pasteis gordurosos, dos quais a mulher guarda um para levar aos filhos. A cena causa desconforto no leitor, direcionando, imediatamente seu olhar para a foto do presidente sorrindo.

Tomando-se a terceira concepção de dialogismo defendida por Fiorin (2011), na qual afirma que o sujeito é dialógico porque é construído pelas várias vozes sociais que constitui uma realidade na qual está imerso, direciona-se o olhar para a polêmica velada no conto, percebida pela bivocalidade entre os discursos do narrador e do personagem Getúlio Vargas que transpassa pelas questões dialógicas dos personagens. É por essas relações que se forma esse enunciado individual do sujeito que lê, com os outros no momento do conto, pelo olhar do autor/narrador e a construção da narrativa pelos personagens - *no tema abordado* - no momento histórico e lhe dão em características um único instante na interação dialógica, um certo revestimento (acabamento) necessário, para o sentido nascer e continuar co-existindo, sempre a se estruturar de outras maneiras dependendo dos propósitos na compreensão dos leitores.

É no espaço interativo que os personagens, junto ao outro espaço do discurso como no momento presente, aberto pelos leitores da obra, geram os sentidos em torno daquele tema pela significação que vai se manifestar no processo de interação verbal, assim a análise repercute esse caminho para compreensão de fato da narrativa.

O chamamento “*trabalhadores do Brasil*”, pelo qual Getúlio Vargas iniciava seus discursos mais o sorriso que lhe são característicos, são estilizados pelo narrador do conto, dado pelo processo temático nos elementos significativos gramaticais da língua, além disso, se reveste de um outro acento de sentido que pode ser captado textualmente no enunciado. O movimento destes elementos junto ao instante da enunciação, discursivamente criado pelo Presidente da República e o narrador, evidencia o dialogismo e a bivocalidade do discurso, logo o caráter não demarcado do discurso é o discurso bivocal. Acionados por esses dois mecanismos, o sorriso e o vocativo, os personagens interagem para com o leitor de maneira a revelar, mesmo que implicitamente, outros dizeres que o sorriso não diz.

Tratava-se de um instante que conferia aos trabalhadores uma manifestação particular de poder, ou seja, um sentido ideológico único e comum forte protagonizado pelo personagem/figura de Getúlio Vargas, a qual invocada várias vezes pelo narrador mesmo após sua morte, o que faz parte, segundo o Historiador Boris Fausto (2006), de uma significação mais complexa no plano discursivo, pois:

A construção do mito Getúlio, como expressão de nacionalidade e defensor dos direitos dos trabalhadores humildes, se fez ao longo do percurso de vários anos. Nesse percurso, combinaram-se, como já foi visto, as realizações materiais em favor das classes pobres e a sistemática elaboração simbólica do personagem. (FAUSTO, 2006, 193). (grifos nossos).

O simbolismo é retomado dialogicamente no discurso do narrador, que consegue materializá-lo no enunciado, trazendo peculiaridades que só uma análise minuciosa consegue apreender, de outro modo, qual o sentido de mencionar no texto, tantas vezes, a caricatura do presidente sorrindo? Diante daquela situação social ou na alegria evocada pelo sorriso, que mexia com o emocional dos personagens, a repetição sinaliza para uma reflexão e um estranhamento. Ainda o faz por personagens simples, com pouca importância social, tornando

suas vozes ainda mais complexas no caráter de disputa dos sentidos para um e para com o outro.

Esses aspectos são tomados pelo narrador e se alçam por eles sua crítica sutil a um presidente-morto que sorria aos trabalhadores do Brasil. Essa projeção alcança maior efeito de sentido quando associada aos aspectos históricos e discursivos que formam aquele espaço-tempo (contexto), documentado por Fausto (2006), na complexidade entre os níveis do discurso, entremeio para Orlandi (2011). Para Bakhtin (1987), a cosmovisão carnavalesca que abrange a dimensão do sorriso, nesta reflexão acerca do conto, aplicado a historicidade que o envolve atinge um conjunto de atores e valores e o redimensiona para o texto literário:

[...] o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é um das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante [...] ele pode referir-se apenas a certos fenômenos *parciais* e parcialmente típicos da vida social [...] o domínio do cômico é restrito e específico (vícios dos indivíduos e da sociedade) (BAKHTIN, 1987, p. 57).

O narrador se apropria da figura formal de um Presidente da República, utilizando-se de uma de suas marcas mais conhecidas, o sorriso, e reverte seu uso (como uma ironia sutil), o que teoricamente nesse tipo de literatura, configura um recorte expressivo na linguagem, dando vida para aquele momento vivido, captando determinada formação de vozes que vão ampliando-se em outras, na construção de uma teia de linguagem que vão se delineando por meio do dialogismo. Dado que confere posição de autonomia ao leitor, pois entra em interação e os significa, os sente e os percebe e desperta o processo de vozes, afirma Bakhtin (1987, 2010, 2013).

A polêmica velada estaria na junção e na relação do sentido expresso nas palavras do autor/narrador e captadas pelo leitor nesse sorriso/vocativo, nas margens do texto, pois independentemente da temporalidade dessas relações, elas se manifestam atemporalmente, em um movimento contínuo e dialógico na interação verbal, despertado por “ressonâncias” entre as palavras do presidente morto e os sentidos repercutidos pela voz dos personagens que insere ou polemiza-se pelo narrador. Trata-se de um sorriso e um chamamento nos personagens que não pode ser isolado de outras vozes sociais para se fazer ouvir:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, **mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis**. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2004, p.87). (grifos nossos).

A obra vai ganhando novos contornos e sentidos ladeados pelo tema e significação, levando em consideração a distância entre o momento histórico do getulismo e o momento cronológico da escrita do conto por Piroli. Nesse contrabalancear dialógico os sentidos se atualizam ao ganhar vida pelos mecanismos do tema, da significação, do dialogismo e da bivocalidade, pois trazem para a análise os elos complexamente organizados na cadeia verbal, apontando que o processo de construção de sentidos é mediado pelo espaço de interação. Trata-

se um espaço aberto e não limitado pelas formas em que o tema vai direcionando para o sentido - superior - até se alcançar e entrecruzar no grau - inferior (significação) - expresso nas palavras. São as questões enunciadas no texto que constituem a dialogicidade, afirmou Bakhtin (2016), elas provocam o movimento dos elementos verbais e não-verbais que organizam o texto (enunciado), com isso nem a palavra “*trabalhadores*” nem a locução adjetiva “*do Brasil*” vem isoladas desse todo, ambas estão enraizadas nesse contexto, configuram a realidade concreta e retratam determinado período histórico como únicos - dados pelos elementos discursivos e linguístico-gramaticais.

Esses signos trazem e assumem o viés do trabalho e renda que Getúlio priorizava como constante bandeira de campanha e governo, pela sua aceitação e permanência como líder, o carisma junto às massas populares. Olhando de maneira minuciosa, “*trabalhadores*” não é de um simples substantivo concreto, no plural, de gênero masculino (significação), seu sentido é ajustado à locução adjetiva “*do Brasil*” para formar um vocativo único a cada vez que é pronunciado (o tema), daquele momento histórico e que constitui todas condições ideológicas junto dos sujeitos que o vivenciaram aquele momento e é essencial para compreensão do leitor.

Aliado a isso, o uso desse vocativo e a questão do sorriso envolvendo o carisma do Presidente, tornaram-se quase que como um bordão (marca), uma simbologia, pois falava diretamente aos anseios da camada pobre da população, trazendo elementos ao seu imaginário, como de um pai protetor que cuidava de sua prole - “o pai dos pobres”.

O vocativo provocava nas massas uma resposta, uma reação principalmente dos trabalhadores não-formais que eram a maioria dos brasileiros, não muito diferente dos dias atuais, assim, por um lado, se instaura à margem do discurso oficial outra realidade daquela de promessa de emprego e renda com inúmeras garantias.

O narrador desvela a figura do presidente pela realidade concreta do personagem ao estabelecer uma contradição forte, assim sendo, revela-se outro discurso, para além do estabelecido, jogando nas brechas da contradição, revelado pela margem a situação melancólica dos personagens Zé e Maria, característica bivocal “que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra [...]” composicionalmente expresso, que se desagrega em réplicas. (BAKHTIN, 2010, p. 214).

O espaço narrado é oferecido como cenário para atuação das personagens, é o palco ideal para a apresentação da caricatura do presidente Getúlio Vargas sorrindo, desenhado por Zé. O retrato olha para ele em diversos momentos e provoca certo estranhamento no leitor com relação a essa necessidade, até certa epifania, pois não se sabe ao certo os sentidos possíveis que esse sorriso provoca. Maria, ao fixar-se sobre a caricatura em determinado momento, joga o na incerteza tanto quanto Zé o faz.

O aspecto a ser observado e que se integra à construção da narrativa como amálgama para o enredo: o retrato do presidente (já falecido) sendo desenhado pelo personagem principal, que é caricaturista numa feira, ou seja, está na categoria de trabalhador informal e depende economicamente da venda do retrato do presidente (sorrindo) que defendia o trabalho formal, com carteira assinada para os trabalhadores do Brasil, para sustentar sua família. É algo que orienta a percepção do interlocutor para os possíveis sentidos a serem construídos a partir dessa relação - visto entre os olhares. Para Castro (1997, p. 120), ao tratar a ironia na perspectiva dialógica de Bakhtin, afirma que “*a ironia é um caso típico do discurso bivocal*”, sendo assim:

Ironizar é dizer algo pelo enunciado, e, portanto, remeter à enunciação, mas também, e sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-

lhe uma ideia oposta e, ainda mais, no mesmo instante em que ela é enunciada. A mesma enunciação serve para dizer A e, simultaneamente, para dizer o seu contrário, devido ao valor argumentativo oposto das enunciações (CASTRO, 1997, p.120). (grifos nossos).

O sorriso é tão significativo que evoca muitas respostas, temas e significados a cada momento que é evocado. É um *ato responsivo* e cômico, amparados por Bakhtin (2004, 1987), pois não se trata de qualquer sorriso, mas o sorriso do presidente que prometeu proteção aos trabalhadores em seu chamamento: “trabalhadores do Brasil”, mostra-se irônico, uma vez que o sentido que significa alegria, positividade, felicidade e ao mesmo tempo opõe com a tristeza, negatividade, perspectiva de um futuro sombrio de trabalhadores em extrema miserabilidade, aqui a política se contrasta ao político em seu poder. Pode-se afirmar que o valor argumentativo é posto em prova, quando a realidade provocada através dos personagens se mostra contrária aos valores do sorriso do “presidente-morto” que sorri para eles. Para Bakhtin (1987, 2003, 2004, 2010, 2013, 2016), trata-se de um discurso que se origina sob condições dialógicas, bivocais, históricas e carnavalizados no processo de interação vernal no tema e na significação.

Por esse princípio, a ironia, para Castro (1997, p. 120): “*a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para um outro discurso [...] é uma espécie de emprego ambíguo do discurso do outro*”. O retrato do presidente sorrindo, visto por um trabalhador sem registro em carteira, culmina na *bivocalidade* da situação apresentada. A entoação e o valor apreciativo das palavras, o acento de sentido como visto nesse caso, são marcas que favorecem ao enunciado uma ambiguidade constitutiva e composta por outrem, o que segundo Bakhtin (2003), gera-se nelas uma relação de sentido multifacetada e que pode alcançar vários significados ao mesmo tempo, na disposição de aspectos inerentes à linguagem, formando um arranjo e reacento do sentido dessas marcas gramaticais, discursivas e textuais dados pelo narrador.

A figura que faz parte da vida nacional, dando um acabamento na ideologia formada e simbolizada pela figura do presidente no ideário de nacionalidade, é desconstruída a despeito desse vocativo em si e o seu sorriso. O narrador utiliza-se dele para provocar algo além de um simples elemento gramatical, de uma palavra, mas para evocar todo um sentimento patriótico na relação de sentido ao qual nos trabalhadores - Zé, Maria, João - para que aparentemente se espelhassem e sentissem pertencentes, se projetavam nessa liderança e se confundiam com ela, como efeito de um espelho visto no retrato que, no conto, é dos trabalhadores. A caricatura e o sorriso se coadunam num momento *irônico* e confirmam a hipótese da análise. Haja vista o conceito de caricatura pertencer a um gênero do discurso que atribui geralmente a um desenho, marcas (traços) de sentido exageradas ou alteradas (distorcidas) pela semelhança a um objeto real, dialogando sem sentido amplo em relação às características físicas e comportamentais do objeto caricaturado (BAKHTIN, 1987).

O riso, nessa análise, dessacraliza o poder e rompe com sua ordem de cadeia hierárquica, o sorriso aqui parece ser do presidente, mas não é, no entendimento que se chega no extenso percurso de análise e pelo aporte teórico mobilizados, o sorriso é o elemento utilizado pelo narrador que o exerce de forma a conduzir o sentido subvertendo-o, logo trata de uma infelicidade no caso diante da vulnerabilidade e miséria humana na pretensa alegria diante de uma realidade maior. O popular, para o teórico russo (1987), está configurado dentro de uma realidade que rompe com os valores do cotidiano na oficialidade, no caso, o leitor ao interagir com a situação dos trabalhadores e na estranheza da condição de vida dos personagens, percebe a ridicularização das instituições na suposta benevolência cínica do

presidente e a real condição das pessoas na ingenuidade cruel de quem sofre o efeito contrário do que era apregoadado.

Associado ao retrato e ao vocativo, um conjunto de elementos são evocados para angariar determinado efeito, por exemplo, a contração vocal e os valores ideológicos visto nas palavras de Vargas eram características próprias que o identificava junto às massas, ou seja, criava-se, nesse contexto, algo comum e uma identificação que extrapola os limites do enunciado. Só é possível enxergá-lo quando se analisa o discurso por inteiro nos aspectos mobilizados no texto, anteriormente calcado nas contribuições de Bakhtin e o Círculo e transpassado por outros estudos. Olhando o objeto de maneira complexa (de forma plural) para se chegar a uma análise satisfatória, o texto enquanto exposição de um retrato apreendido num lapso de tempo, desnuda uma realidade social, apontando as condições sub-humanas de sobrevivência da camada mais baixa da população materializado pelo enunciado. A exclusão do sistema formal de trabalho, no qual lhe fora prometido ser cidadão de primeira classe com direitos, ou seja, em que ele e sua família estariam amparados e protegidos lhe são negados na vida real.

O discurso bivocal dado no sorriso do presidente, somado aos processos verbais constituídos em torno do tema e da significação se tornam presentificados pela polêmica velada, dado a cada momento único de enunciação nas vozes dos personagens. A caricatura do presidente sorrindo e o vocativo “Trabalhadores do Brasil” e a forma como Zé faz e se refaz nos retoques, como se esse ato pudesse reverter sua situação de penúria e restituir a verdade ao discurso (promessas) do presidente, induz o leitor a justificar sua leitura. O sorriso se consolida como norteador para compreender praticamente a totalidade desse enunciado, advindos pelos elementos de sentido. Questões que o personagem Zé não faz só, mas compartilha com Maria, sua companheira e que divide esperanças no pastel gorduroso que dividem, na passagem de ônibus que ela não quer aceitar, nas longas caminhadas que fez para vê-lo.

3 Considerações Finais

O processo de sentido se realiza a partir da leitura, de cada interlocutor individualmente, no entanto, dialoga culturalmente na medida que cada indivíduo interage de seu lugar e também do seu espaço discursivo dialógico, no entremeio. A princípio, foi possível passear entre essas diversas unidades pelo conceito maior de dialogismo que se fez para condições específicas dessa análise no riso, na marcação encoberta (bivocal), na ideologia. Em torno de uma cultura e historicidade que construiu a significação coletivamente, para cada evento retratado no texto, a partir dos personagens, trabalhados com maestria pelo narrador que não foge à realidade social de autor. Marcados invariavelmente, nos processos históricos, foram sendo construídos ao longo do texto, pelos discursos e também foram sendo desconstruídos por eles, a partir do processo de construção disponibilizadas pela materialidade linguística do narrador do conto.

Ao final, percebe-se o quanto o vocativo “Trabalhadores do Brasil” e o *sorriso do presidente-morto*, formam um todo, apontados pelo narrador como forma de explorar o caráter do conto nos processos de sentido enunciado. A descaracterização do personagem histórico e a inserção das vozes sociais nos sujeitos Zé e Maria, para além de uma posição de subalternidade, torna o herói em anti-herói e eleva o operário à voz de denúncia para aquele momento histórico consubstanciando na linguagem na denúncia da precariedade do trabalho informal, visão carnavalesca e dúbia explorado em Vargas. O dialogismo da narrativa desnuda a formação das

características sócio-políticas e culturais da constituição do sujeito que representa a população brasileira e latino-americana.

Percebeu-se que a cada momento em que esse vocativo “Trabalhadores do Brasil” era executado, instituíam-se um momento de vínculo discursivo, único e significativo, materializado por essa expressão linguístico-gramatical. Essa possibilidade de construção de sentido só se torna concreta na perspectiva ideológica desse signo, pois extrapola seu sentido comum, dicionarizado ou do próprio papel do vocativo que é só de chamamento e/ou do sorriso. A compreensão/interpretação construída sob essa base se direciona para uma *resposta*, anterior e já inserida dentro desse contexto, em que o povo acata e aceita esse chamamento como um pertencimento (apelo de seu condutor), como se aceita o afeto de um pai protetor e cuidadoso de sua prole. A ligação entre o povo pobre e o presidente carismático e supostamente empático às dores e necessidades desses trabalhadores, é firmemente estabelecida - a cada vez que o presidente inicia seus discursos com o referido vocativo acompanhado de seu sorriso para os trabalhadores.

A estruturação do texto em forma de discurso direto - a voz dada aos personagens - oferece credibilidade, uma vez que traz elementos vinculados à realidade de uma situação própria daquele instante histórico, revestidas de linguagem informal. Isso aproxima a expressividade dialógica entre os interlocutores, provocando nos personagens aparentemente uma visão *passiva* da realidade, no entanto, no decorrer da leitura vai se desconstruindo esse estereótipo de salvador da pátria ou dessa falta de autonomia do sujeito em esperar que alguém faça por ele.

O chamamento “Trabalhadores do Brasil”, expresso de forma polêmica e velada com certa característica bivocal, indireta na ironia do narrador, vem carregada de dubiedade, pois ao evocá-la, o trabalhador é remetido a um tempo de prospecção otimista, mas também do fracasso dessa prospecção, a despeito do presidente na miserabilidade que vivem os “trabalhadores do Brasil”. O interlocutor igualmente se insere nesse ambiente e interage a partir dele, tece sua significação, sua interpretação da narrativa. A organização sintática dessa ambientação contribui para a composição de como o tema/enredo é tratado: indivíduos vivendo numa condição de muita vulnerabilidade social devido a precarização do trabalho, cujo almoço se resume a um pastel comprado de outro trabalhador que compartilha da mesma situação de miséria.

Por fim, o escritor por meio do narrador, se insere no conto, impele o interlocutor a participar da construção de sentido de forma dialógica a depender dos seus propósitos, colhendo nas falas dos personagens os elementos essenciais para a composição da enunciação que configura o momento (espaço) enunciativo junto ao interlocutor, no investimento junto a ele e na combinação de cada palavra (sinal/signo), guiado pelo conjunto da enunciação até alcançar o tema pela significação demandada naquele momento pelos processos de construção de sentido.

Referências

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo, SP: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato*. Toward a Philosophy of the act. HOLQUIST, M.; LIAPUNOV, V. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. University of Texas Press. 1993.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, SP: Martins

Fontes. 2003.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance). Equipe de Tradução Homero Freitas de Andrade; Aurora Fornoni Bernardini; José Augusto Pereira Júnior; Helena Spryndis Nazário. 6 ed. São Paulo, SP: Hucitec. 2010.

BAKHTIN, M. *A poética de Dostoievsky*. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. 2013.

BAKHTIN, M. *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Editora 34. 2016.

BAKHTIN, M./Volochinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Hucitec. 2004.

BEZERRA, P. *Polifonia*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin Conceitos-Chave*. São Paulo, SP: Contexto. 2005.

CASTRO, M. L. D. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1997.

CEREJA, W. Tema e Significação. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin Conceitos-Chave*. São Paulo, SP: Contexto. 2005.

FAUSTO, B. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2006.

FIORIN, J. L. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo, SP: Ática. 2011.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2011.

PIROLI, W. I parte/4º conto Trabalhadores do Brasil. *A mãe e o Filho da Mãe*. São Paulo, SP: Editora do Sesi. 2016.

Recebido em: 22/07/2021

Aceito em: 01/11/2021